



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

INTERTEXTUALIDADE PARÓDICA ENTRE O CONTO *DAMA DA NOITE* E A MÚSICA *RODA VIVA*

Autor: Simone dos Santos Alves Ferreira; Orientador: Dr. Márcio dos Santos Gomes

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), alvessimone555@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), marciogomes@uepb.edu.br

RESUMO

O presente trabalho analisa a intertextualidade paródica presente no conto *Dama da noite* de Caio Fernando Abreu e a música *Roda viva* de Chico Buarque de Holanda. Nosso objetivo foi observar as semelhanças existentes entre o conto e a música, notando o conflito vivenciado pela personagem do conto a qual sente um extremo desconforto com as aparências da sociedade, a qual está inserida, e por não se inserir nesse meio fica à margem, excluída de muitas relações sociais. Semelhantemente, a música *Roda viva* apresenta o inconformismo de um ser que deseja ter liberdade de expressão, que por razões de cunho social torna-se infeliz e incapaz de viver da forma que deseja. A protagonista do conto através da percepção vai analisar o universo ao seu redor observando como são construídas as relações sociais, repressivas, que de certa forma contribuem para massificação do ser humano. Buscamos, então, relatar através de fragmentos do texto a degradação do ser. Para fundamentar nossa análise nos baseamos nos estudos de Linda Hutcheon (1991), para tratar especificamente da intertextualidade paródica.

Palavras-Chave: Intertextualidade paródica, percepção, relações sociais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

INTRODUÇÃO

Caio Fernando Abreu apresenta em suas obras um estilo pessoal, aborda assuntos relacionados a sexo, medo, morte e, principalmente solidão. Nesse sentido, apresenta uma visão angustiante do mundo moderno. Na obra *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), traz uma série de contos com temáticas diversas. Dentre essas temáticas aborda aspectos contemporâneos como sociais e psicológicos que estão presentes na construção de suas personagens. Neste trabalho, faremos a análise do conto *Dama da noite* buscando mostrar a presença da intertextualidade com a música *Roda viva* de Chico Buarque escrita em 1967, levando em conta a análise da personagem feminina como um ser decadente e à margem das relações sociais.

O conto é narrado em primeira pessoa apresentando um monólogo que não sabemos com quem a personagem que se autodenomina *dama da noite* conversa, pois apenas apresenta uma pessoa a qual chama de boy. Observamos que a personagem apresenta-se como um ser decadente perante as exigências do meio social, tornando-se dessa forma, descentrada, marginalizada por não apresentar características semelhantes à sociedade massificada. No conto, não está dito explicitamente a condição social da personagem, mas através da sua fala percebemos que se trata de uma prostituta rica e que possivelmente esteja portando o vírus HIV.

A *Dama da noite* é representada pela a imagem de uma mulher fatal, enquanto a personagem boy é um adolescente inexperiente em processo de construção da sua identidade. Na narrativa sua voz é ignorada pelo monólogo da personagem principal quem detém a palavra. Nesse sentido, é apresentada a sua perspectiva de mundo, suas experiências, anseios e frustrações diante de um mundo centrado apenas no “igual”, sendo que o diferente não tem voz e nem vez.

A música *Roda Viva* de Chico Buarque foi lançada em 1967 e primeiramente escrita para a peça de teatro de mesmo nome. A peça tinha por objetivo mostrar a trajetória de um cantor que decide mudar de nome para agradar ao público. A temática da peça mostra a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

massificação da personagem promovendo uma reflexão acerca da sociedade de consumo. Foi censurada e considerada subversiva. Uma análise pormenorizada da música nos remete a duas interpretações: pode ser vista tanto como um ideal de vida perfeita que diante do inesperado tudo pode se transformar, como também uma visão do cenário político da época, mostrando um povo oprimido pela democratização em pleno período ditatorial.

Dito implicitamente, tornamo-nos sabedores que essa roda viva é um modo de mascarar o poder, o negativo que destrói e emudece todos que lutam por seus desejos. Nesse aspecto, o sujeito torna-se triste por não ter voz e nem vez na sociedade, e tem que sujeitar-se a viver a mercê dos opressores.

Portanto, partindo dessa breve apresentação o nosso foco de análise será apontar a intertextualidade vinculada à paródia presente no conto de Caio Fernando Abreu em consonância com a música de Chico Buarque, nos valendo, principalmente dos conceitos elaborados por Linda Hutcheon (1991). Este trabalho abrange o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica, na qual faremos à leitura dos textos teóricos para tecer considerações acerca do nosso objetivo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE INTERTEXTUALIDADE PARÓDICA

A paródia vem sendo objeto de estudos nas últimas décadas pela sua natureza controversa, pois traz em seu conteúdo a noção de comicidade e sátira, logo, imitação. A partir desses conceitos, Hutcheon (1989) confere à definição de paródia importância fundamental para compreensão, não só da arte literária, mas da arquitetura ao cinema. Ela discute a natureza da paródia como um tipo de escrita na qual o autor utiliza seus pensamentos e ações adaptando-os a um novo objetivo. Linda Hutcheon acredita que a paródia necessita de quem a defenda, já que, ao longo do tempo teve seu sentido associado ao ridículo, algo negativo. Assim, o conceito de paródia abordado por ela não contempla a repetição ridicularizadora comum nas definições dos dicionários populares, mas atende a denominação de paródia do século XX, que inclui diferença irônica, um modelo de imitação caracterizada pela distância crítica que nem sempre é constituída na forma de riso.

O conceito de paródia também está relacionado à intertextualidade, ambas interligam-se se referindo ao conceito de repetição de um texto discursivo que inclui diferença e criticidade. A noção de intertextualidade vinculada ao tipo paródia torna-se pertinente porque “uma obra literária já não pode ser considerada original; se o fosse, não poderia ter sentido para o leitor. É apenas como parte de discursos anteriores que qualquer texto obtém sentido e importância”. (HUTCHEON, 1991, p. 166). No caso em análise, a intertextualidade paródica remete a reescrita do tema relevante na música de Chico Buarque que será ressignificado no conto de Caio Fernando Abreu.

Desse modo, Hutcheon (1989) vem discutir a natureza da paródia relacionada à intertextualidade como “repetição, mas repetição que inclui diferença [...] é imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo”.

RESSIGNIFICAÇÃO DA MÚSICA *RODA VIVA* NO CONTO *DAMA DA NOITE*



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A análise dos recursos intertextuais no conto *Dama da noite* é apresentada priorizando-se a observância do diálogo com a música *Roda viva* de Chico Buarque. O olhar crítico sobre os contos desse escritor nos leva a notar processos de absorção de elementos alheios, através de citações diretas ou indiretas, no caso de letras de músicas, os quais formam uma tessitura narrativa significativa. Observamos o seguinte trecho:

COMO se eu estivesse por fora do movimento da vida. A vida rolando por aí feito roda-gigante, com todo mundo dentro, e eu aqui parada, pateta, sentada no bar. Sem fazer nada, como se tivesse desaprendido a linguagem dos outros. A linguagem que eles usam para se comunicar quando rodam assim e assim por diante nessa roda gigante. [...] Mas eu fico sempre do lado de fora. Aqui parada, sem saber a palavra certa, sem conseguir adivinhar. Olhando de fora, a cara cheia, louca de vontade de estar lá, rodando junto com eles nessa roda idiota ta me entendendo, garotão? (ABREU, 1988, p. 83)

Nesse diálogo a personagem deixa transparecer uma visão negativa da sociedade em que vive e observamos um movimento constante, que seria uma roda gigante. A personagem enfatiza a sua descentralização em relação à sociedade, pois quando todos estão envolvidos nessa roda ela encontra-se fora, à margem. Quanto a esse aspecto, a música de Chico Buarque apresenta esse mesmo sentimento de descentralização.

Roda mundo, roda-gigante
Roda-moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração
(Chico Buarque de Holanda, S/D).

Assim, a roda apresenta-se como uma metáfora representando o poder, as aparências, o sistema capitalista, a partir do ponto de vista de um sujeito descentralizado. Ao perceber isso, compreendemos que a personagem e a voz do poema são agentes dessa exclusão, pois contam suas desventuras e enfatiza que ir contra o modelo dominante, implica necessariamente, à sua isenção desse mundo moderno. A personagem do conto sente-se



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sozinha e impossibilitada de entrar na roda, haja vista que transgride os códigos morais da época.

Na música *Roda viva* o eu-lírico inicia a música dizendo que tem dias que ele (significando “nós, a sociedade”) se sente como quem partiu ou morreu, por precisamente estar estancado parado ou então pelo mundo que cresceu. Ele deixou de se sentir vivo muitas vezes, por perceber que a sociedade está parada e que o mundo cresceu de uma forma tanto positiva quanto negativa. Dessa maneira, os versos da música remetem a pessoas tristes que foram silenciados em razão da opressão social.

Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu...
(Chico Buarque de Holanda, S/D).

Essa roda gigante da qual está expressa nas duas narrativas faz uma analogia para ilustrar os aspectos de aceitação social, da qual as personagens se veem como excluídas. Nos discursos, a roda gigante representa o espaço onde se concentra a maior parte das pessoas. Ambas as narrativas veiculam denúncias ao sistema opressor, responsável, muitas vezes, pela privação dos sonhos, e da liberdade.

É importante salientar, que no conto apesar das personagens não terem nomes próprios, podemos inferir que o garoto, a quem a dama da noite chama de boy, representa a ordem, o sistema vigente, a massa homogênea da sociedade. Observando atentamente o bar, espaço onde se encontram, percebemos que é um lugar propício para quem está triste em busca de aventuras, emoções efêmeras, o ponto de encontro entre os diferentes. Destacamos ainda, a presença do dinheiro como meio de se conseguir companhia e também de receber aceitação nos espaços em que se frequenta. A dama da noite em meio às relações sociais percebe quão significativo para as pessoas é o poder do dinheiro. Através dele se consegue amizades superficiais movidas por interesse. Isso está explícito no seguinte trecho do conto:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Pára de rir, senão te joga já este copo na cara. Pago o copo, a bebida. Pago o estrago e até o bar, se ficar a fim de quebrar tudo. Se eu tô tesuda e você anda duro e eu precisar de cacete, compro o teu, pago o teu.
Quanto custa? Me diz que eu pago. Pago bebida, comida, dormida. E pago foda também, se for preciso. (ABREU, 1988, S/P)

A personagem sente-se sozinha, desprezada, envolvida em uma melancolia que faz dela um ser ressentido. Observa-se que por estar fora dos movimentos sociais a única maneira de aproximar-se desse sistema alienante é através do dinheiro, uma vez que, segundo seu olhar, a sociedade é movida por interesse, o que ressalta mais uma vez as relações superficiais entre as pessoas.

Na música, analisando a estrofe abaixo percebemos a vontade das pessoas de lutar pelos seus ideais, porém foram oprimidas e logo, impedidas de por em prática suas vontades.

A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega o destino prá lá...
(Chico Buarque de Holanda, S/D).

A roda viva em ambos os gêneros acaba com toda alegria vivida e traz tristeza e descontentamento a todos. Nesse momento, fica expressa a repressão dos sujeitos, pois ver-se uma população deprimida pela roda viva, que se refere aos que calam e oprimem os que buscam melhoria para sua vida. Por isso, são silenciados e obrigados a calar perante as dificuldades. Tal como no conto, a música apresenta o descontentamento de um ser que busca espaço na sociedade, mas que é impedido de participar das relações sociais por ser e pensar diferente. Como nos mostra Hutcheon (1989), “a paródia é, [...] um dos modos maiores da construção formal e temática de textos. E, para além disto, tem uma função hermenêutica com implicações simultaneamente culturais e ideológicas.” (1989, p. 13) Dessa maneira, a paródia é tida como uma repetição, ora traz diferença, ora semelhança em relação ao texto parodiado.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de Caio Fernando Abreu apresenta uma quebra de padrões sociais explícito no comportamento da personagem. Do mesmo modo, Chico Buarque traz a música como reflexo da sociedade, empregada para analisar um drama pessoal, pois reflete a angústia de um ser oprimido. A roda que é mencionada tanto no conto como na música representa o fim da liberdade e a insatisfação do ser humano perante as regras sociais.

Nesse breve estudo, procuramos observar aproximações presentes entre o conto e a música enfatizando a presença da intertextualidade vinculada ao recurso estilístico paródia, apresentando o resgate de discursos anteriores carregados de uma rede intertextual de sentidos. Enfim, predomina nos respectivos gêneros a temática amorosa, suas angústias e solidões em uma sociedade manipuladora e adepta a uma relação de aparência entre os seres humanos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. Dama da noite. In: _____. *Os dragões não conhecem o paraíso*. 1 reimpresão. São Paulo: Companhia das letras, 1988. Disponível em: www.cyvjosealencar.seed.pr.gov.br Acesso em: 19/07/2013

HOLANDA, Chico Buarque de. *Roda viva*. Disponível em: <http://analisedeletras.com.br/chico-buarque/roda-viva/> Acesso em: 01/09/2013

HUTCHEON, Linda. Metaficção historiográfica: “o passatempo do tempo passado”. In: _____. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991, p. 141-162.

_____. A intertextualidade, a paródia e os discursos da História. In.: HUCTHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991, p. 163-182.

_____. *Uma teoria da paródia*. Lisboa: Edições 70, 1989.